

Empreendedorismo cultural sustentável de mulheres indígenas do povo Kanindé de Aratuba, Ceará

Sustainable cultural entrepreneurship of indigenous women of the Kanindé people of Aratuba, Ceará

Antonio Leonardo Moreira de Aquino

Antônio Roberto Xavier

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Redenção-CE, Brasil

Karla Renata de Aguiar Muniz

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Fortaleza-CE, Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo identificar e demonstrar o desenvolvimento do empreendedorismo cultural de mulheres indígenas na etnia Kanindé, em Aratuba, Ceará, e seus desafios, buscando, de modo específico, identificar os planejamentos, as políticas empreendedoras da comunidade e sua importância para o desenvolvimento sustentável no contexto local. Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza básica, com abordagem qualitativa, e emprega como procedimento técnico o estudo de caso etnográfico, pois os métodos procedimentais procuram compreender e retratar a particularidade e a complexidade de um grupo social de pessoas. Como técnicas de coleta/geração de informações, empregaram-se a revisão de literatura para a parte teórica e a observação direta e as entrevistas não diretas para a pesquisa de campo. Como técnica de análise, aplicou-se a análise de conteúdo e do discurso sócio-histórico contextual. Os resultados conclusivos revelam que, apesar dos inúmeros desafios, algumas mulheres indígenas do povo Kanindé, por meio do empreendedorismo cultural, divulgam e perpetuam a cultura do povo indígena da etnia Kanindé ao comercializar os produtos artístico-culturais locais.

Palavras-chave: empreendedorismo cultural; mulheres indígenas; povo Kanindé.

Abstract

This article aims to identify and demonstrate the development of cultural entrepreneurship of indigenous women in the Kanindé ethnic group, in Aratuba, Ceará, and its challenges, specifically seeking to identify the planning, entrepreneurial policies of the community and their importance for sustainable development. in the local context. Methodologically, this research is of a basic nature with a qualitative approach and employs the ethnographic case study as a technical procedure, as the procedural methods seek to understand and portray the particularity and complexity of a social group of people. As information collection/generation techniques, literature review was used for the theoretical part and direct observation and non-directive interviews for field research. As an analysis technique, content analysis and contextual socio-historical discourse were applied. The conclusive results reveal that despite the numerous challenges, some indigenous women of the Kanindé people, through cultural entrepreneurship, disseminate and perpetuate the culture of the indigenous people of the Kanindé ethnicity by marketing local artistic and cultural products.

Keywords: cultural entrepreneurship; indigenous women; Kanindé people.

1. Introdução

A problemática norteadora desta pesquisa é vislumbrada a partir da compreensão de que a tentativa da história oficial da colonização deste imenso país teve sempre por base apagar, ofuscar e/ou destruir o legado cultural dos povos originários, os indígenas. Essa é uma tentativa eurocêntrica e etnocêntrica que, ao longo da história, tem procurado negar o arcabouço cultural, material e imaterial dos povos que aqui existiam antes da chegada do colonizador. Essa tentativa negadora da cultura dos povos originários é refletida tragicamente na identificação e no reconhecimento dos traços étnico-culturais dos povos indígenas (MENEZES, 1992).

A relevância de pesquisar essa temática parte não só do interesse pessoal, mas também acadêmico, visto que, apesar de ter ocorrido avanços no campo de políticas públicas em relação ao desenvolvimento regional do Brasil, ainda existem muitas lacunas no que diz respeito à consolidação de ações estratégicas voltadas para propor e/ou até mesmo auxiliar o poder público local, regional e geral de forma eficiente e eficaz, sem perder o principal foco, que é a sustentabilidade.

Faz-se necessário trazer essa visibilidade das mulheres indígenas na comunidade Kanindé, em Aratuba, Ceará (CE), para o mundo acadêmico-científico, para que elas sejam valorizadas. Assim, o empreendedorismo feminino cultural indígena se torna visível e importante, pois impulsiona a preservação da cultura local daquela região.

Seguindo essa linha de raciocínio, este trabalho tem por objetivo identificar e demonstrar o desenvolvimento do empreendedorismo cultural de mulheres indígenas na etnia Kanindé, em Aratuba-CE, e seus desafios, buscando de modo específico identificar os planejamentos, as políticas públicas da comunidade e sua importância para o desenvolvimento sustentável no contexto indígena, para, a partir de então, refletir sobre as ações em nível municipal no tocante à valorização da produção indígena *in locus* e, ao mesmo tempo, perceber a importância do papel da mulher indígena para o desenvolvimento sustentável da comunidade Kanindé.

Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza básica e emprega como procedimento técnico o estudo de caso etnográfico, pois os métodos procedimentais procuram compreender e retratar a particularidade e a complexidade de um grupo natural a partir dos significados subjetivos de seus autores, coletados em seu contexto micro, por meio

de observação participante, entrevistas e narrativas escritas. Também nessas pesquisas faz-se o uso de fontes diversas, teóricas e empíricas pertinentes (CHIZZOTTI, 2014; GIL, 2010; SEVERINO, 2018).

A abordagem é de cunho qualitativo, com emprego das técnicas de coleta/geração de dados: observação direta e entrevistas, com auxílio do recurso metodológico da história oral e imagética. Este tipo de abordagem busca a compreensão do objeto em estudo “em profundidade”, sendo-lhe “[...] atribuída a análise qualitativa e verticalizada em relação aos elementos em estudo”, desta maneira “[...] tende a facilitar a compreensão de fenômenos sociais complexos, proporcionando visões amplas e significativas dos acontecimentos em análise, avaliações ou proposições (SEVERINO, 2018, p. 104).

Como resultado, espera-se a compreensão dos sujeitos envolvidos da comunidade Kanindé, pois a ida a campo valoriza e dá visibilidade às mulheres indígenas na questão do empreendedorismo cultural e se faz necessário trazer à tona a veracidade de muitos teóricos citados e fortalecer o conhecimento científico e empírico da comunidade indígena entrevistada. Os conteúdos presentes estão organizados de acordo com as principais e mais atuais referências em empreendedorismo cultural, dividindo-se em: “Empreendedorismo cultural de mulheres indígenas Kanindé: aspectos gerais e desafios locais”; “Coleta/Geração de Informações, interpretação e resultados”; “Considerações finais”; e “Referências”.

2. Empreendedorismo cultural de mulheres indígenas Kanindé: aspectos gerais e desafios locais

Apesar do genocídio e do etnocídio sofridos pelos povos indígenas durante o processo histórico de formação da sociedade brasileira, a memória e os traços identitários étnico-culturais desses povos nativos ainda podem ser encontrados nos mais diversos locais deste país, por meio do patrimônio histórico-cultural material e/ou imaterial (XAVIER; VASCONCELOS, 2018).

Sabe-se que a invisibilidade indígena neste país é gritante, no entanto, com a criação da Constituição Federal de 1988, especificamente em seu artigo 231, é possível reconhecer “[...] aos índios sua organização social, costumes, língua, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam” (BRASIL, 1988).

Empreendedorismo cultural sustentável de mulheres indígenas do povo Kanindé de Aratuba, Ceará

No que diz respeito ao âmbito internacional, a Organização Internacional do Trabalho sobre os Povos Indígenas e Tribais, de 1989, estabelece normas aos Estados signatários nas relações com os povos indígenas, afirmando a eles igualdade de tratamento e de oportunidades no pleno gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais e no respeito às suas identidades sociais e culturais, aos costumes e às tradições. Porém, o país só se tornou signatário da Convenção nº 169 a partir de 2004, através do Decreto nº 5.051, ou seja, isto mostra o quanto o país é omissivo quando se trata dos povos indígenas.

Os desafios enfrentados por mulheres, em especial as indígenas, são presentes na atual conjuntura, em que o machismo e a desigualdade entre homens e mulheres ainda são bastante acentuados no Brasil. O empreendedorismo feminino cresce bastante, seja pela necessidade ou pela falta de oportunidade; muitas mulheres estão buscando seu espaço no mercado de trabalho. Nesse sentido, ao pesquisar essa temática, faz-se o reconhecimento e, ao mesmo tempo, dá-se visibilidade àqueles sujeitos que sempre estiveram à margem da história oficial.

A própria política nacional indigenista sempre buscou apagar da história oficial a existência dos povos indígenas, apesar de sua luta pela sua sobrevivência e sua reivindicação por direitos na condição de nativos ou povos originários. Muitos políticos e intelectuais da época previam o seu desaparecimento, em detrimento do processo civilizatório e da mestiçagem. Conforme Almeida (2012, p. 22), a proposta do governo era a negacionista, a não existência do indígena, promovendo a extinção de aldeias:

Esses discursos justificavam, conforme a política indigenista vigente, a extinção de antigas aldeias coloniais e de suas terras coletivas e, ao mesmo tempo, serviam à construção do nacionalismo, cuja proposta era criar a nação em moldes europeus, onde não havia lugar para pluralidades étnicas e culturais.

Essas concepções, aos poucos, vão ficando no passado, visto que os povos indígenas lentamente estão sendo protagonistas de sua própria história, passando da invisibilidade construída no século XIX para o protagonismo conquistado e restituído através de movimentos políticos e intelectuais nos quais eles próprios têm tido intensa participação.

No que tange ao desenvolvimento cultural e ao apoio aos povos indígenas no país, há muito ainda a ser feito, uma vez que sempre houve uma invisibilidade dos indígenas na história, como sujeitos históricos, porém, nos últimos anos, tem-se percebido um crescente

protagonismo dos povos indígenas em busca de ocupar um lugar na sociedade. Esse protagonismo tem sido possível devido às suas lutas em busca de seus direitos, mas também devido a algumas ações que são realizadas e alguns projetos desenvolvidos em comunidades indígenas. No Ceará, alguns projetos foram desenvolvidos tendo como foco a melhoria da qualidade de vida e a dinamização da economia solidária local.

Para compreender bem esses projetos, uma contribuição indispensável vem da Associação para o Desenvolvimento Local Coproduzido (Adelco)¹, em sua publicação *Ceará indígena: vivência do projeto Etnodesenvolvimento*, que busca relatar as experiências vivenciadas nesse projeto, que, em seu aspecto, busca uma perspectiva melhor da qualidade de vida das comunidades indígenas do Ceará, através da economia solidária e do turismo solidário (ADELCO, 2016).

Sabe-se que os desafios enfrentados pelos povos indígenas, em especial pelas mulheres, são presentes no seu cotidiano, porém estas sempre estão na busca de conquistar seu espaço de trabalho, e isso ocorre através do empreendedorismo feminino. Por conseguinte, para entender melhor as ideias do empreendedorismo, Chiavenato (2007) permite essa compreensão, quando avalia e discute todas as condições favoráveis para o pequeno e para o médio empreendedor abrir e alavancar seu próprio negócio.

Nesse contexto, faz-se necessário não só compreender o empreendedorismo em si, mas entender o empreendedorismo cultural, percebendo como esta atividade econômica contribui para a geração de riquezas econômicas. Davel e Cora (2016) descrevem que, além desses pressupostos positivistas e funcionalistas, pesquisas recentes apontam para outras possibilidades, como: o empreendedorismo como construção social. Desse modo, sua relevância fortalece, dentro deste projeto, a compreensão do empreendedorismo desenvolvido pela etnia Kanindé, em Aratuba-CE.

Sabe-se que o empreendedorismo feminino ocorre de diversas maneiras, sendo uma delas o artesanato. Silva (2015) busca problematizar o mundo do trabalho feminino a partir da implementação do artesanato dentro das comunidades indígenas no processo de emancipação e de ressignificação de tais práticas. Assim sendo, seu trabalho dá suporte para se pensar como este trabalho leva a esse processo de emancipação feminina.

Além desses teóricos, outras literaturas se fazem necessárias, como artigos científicos e documentos oficiais, como a Constituição Federal de 1988, que traz suporte principalmente

quando se refere à aplicação da lei sobre sustentabilidade, pois esta descreve no artigo 225 que: “[...] todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado [...]”, ao mesmo tempo que impõe “[...] ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1988). Sachs (2004) também aponta uma concepção de desenvolvimento como uma combinação de crescimento econômico, aumento igualitário do bem-estar social e preservação ambiental.

3. Coleta/Geração de informações, interpretação e resultados

3.1 Descrição do lócus da pesquisa

A presente temática traz à tona o empreendedorismo cultural de mulheres indígenas, tendo como lócus a comunidade indígena Kanindé, em Aratuba-CE, situada na região do Maciço de Baturité, a 125 km da capital cearense, Fortaleza. O povo Kanindé é reconhecido como etnia pela Fundação Nacional do Índio (Funai), no entanto ainda busca a delimitação do território de seu povo, que seria em torno de 1.700 hectares. Atualmente a comunidade de Fernandes chega a 1.200 indígenas, divididos, em média, em 280 famílias (XAVIER; VASCONCELOS, 2018).

A etnia Kanindé de Aratuba-CE é a única comunidade indígena situada nessa região. Apesar da área territorial fazer parte de Aratuba-CE, tal comunidade se encontra na parte mais árida do município (Figura 1), mas isso não impede que seus habitantes desenvolvam várias práticas sustentáveis, tendo como protagonistas as mulheres indígenas à frente de várias práticas sustentáveis, como: o quintal produtivo, o desenvolvimento de artesanatos, bem como a própria feira do município, que tem como protagonistas as mulheres indígenas.

Figura 1 – Foto panorâmica da etnia Kanindé



Fonte: Acervo pessoal (2022).

De acordo com a metodologia citada neste trabalho, a abordagem *in locus* se deu a partir de visitas na comunidade de Fernandes, onde se situa a etnia Kanindé, cuja técnica de geração de dados se deu através de observações e entrevistas com os sujeitos envolvidos, precisamente com mulheres indígenas, após um breve diálogo para a coleta de informações, auxiliando, como recurso metodológico, a história oral dos sujeitos entrevistados.

Primeiramente foi realizado contato pessoal com o cacique Soutero. Através de uma conversa sobre a pesquisa a ser realizada *in locus*, obtiveram-se informações importantíssimas para enriquecer este trabalho. O próprio cacique ofertou as orientações necessárias para a busca ativa de mulheres empreendedoras daquela região.

Diante do que foi exposto, houve um direcionamento para o encontro com quatro mulheres indígenas identificadas como empreendedoras pelos seguintes critérios: donas do próprio negócio, que vendem vários tipos de produtos e trabalham com: artesanato em bordados de cama/mesa e produção de tapetes a partir de tiras de tecidos; artesanato de colares, entre outros; quintal produtivo; venda de animais, como porcos e galinhas, na feira do município; e venda de ervas aromáticas e medicinais.

Essas mulheres são conhecidas na região em que moram; algumas dependem de auxílio de governo para tirar seu sustento e/ou estabelecer seus próprios negócios, por terem iniciado suas atividades por necessidade, ganhando espaço no mercado de trabalho com sucesso e tornando-se, pelas histórias de vida, ícones na comunidade.

Como se sabe, a atividade do artesanato cumpre um papel importantíssimo no estado, visto que, além de potencializar a geração de trabalho e de renda, promove a inserção da mulher e do jovem no setor produtivo e estimula e consolida a identidade cultural do povo.

Procurou-se por um contato pessoal com as empreendedoras, que logo se dispuseram a participar da pesquisa. No primeiro momento, não podiam receber os entrevistadores, motivo por que foram marcados outro dia e outro horário para a realização das entrevistas. As mulheres entrevistadas demonstraram grande interesse pela pesquisa, respondendo às questões com empenho e dedicação, colocando-se, inclusive, à disposição para o que mais fosse preciso, autorizando a descrição dos dados encontrados na comunidade para eventuais publicações.

Posteriormente as entrevistas foram compiladas em um formulário, com perguntas abertas, deixando as entrevistadas à vontade para relatarem o seu modo de vida. Dessa forma, procurou-se deixar que as respondentes falassem livremente sobre o que lhes era perguntado, sobre o que faziam para trazer renda para as suas casas e como essa prática contribui para a preservação de sua cultura.

Para garantir o anonimato das entrevistadas, por questões éticas, utilizaram-se, para as devidas distinções das falas dos sujeitos da pesquisa, as seguintes nomeações: mulher Kanindé I, II, III e IV, referentes às entrevistadas deste estudo. Esta pesquisa baseia-se em uso de dados e informações peculiares, analisando, além de fontes secundárias, como livros, artigos de periódicos e documentos oficiais, fontes primárias, como documentos historiográficos, cadernos de campo, observações diretas, entrevistas e registros de fatos, fotografias, vídeos e artefatos, visando a uma compreensão melhor sobre o protagonismo e o empreendedorismo das indígenas Kanindé.

Após as entrevistas, as informações foram tratadas por meio da análise de conteúdo e organizadas em categorias de respostas. Esse tipo de abordagem busca a compreensão do objeto em estudo “em profundidade”, sendo-lhe atribuída a análise qualitativa e verticalizada em relação aos elementos em estudo (SEVERINO, 2018).

Ao longo da pesquisa, as mulheres entrevistadas da etnia Kanindé se dispuseram a falar sobre suas vidas e sobre qual função exerciam na comunidade. No tocante às mulheres indígenas entrevistadas, seguem os perfis das respondentes nas subseções adiante.

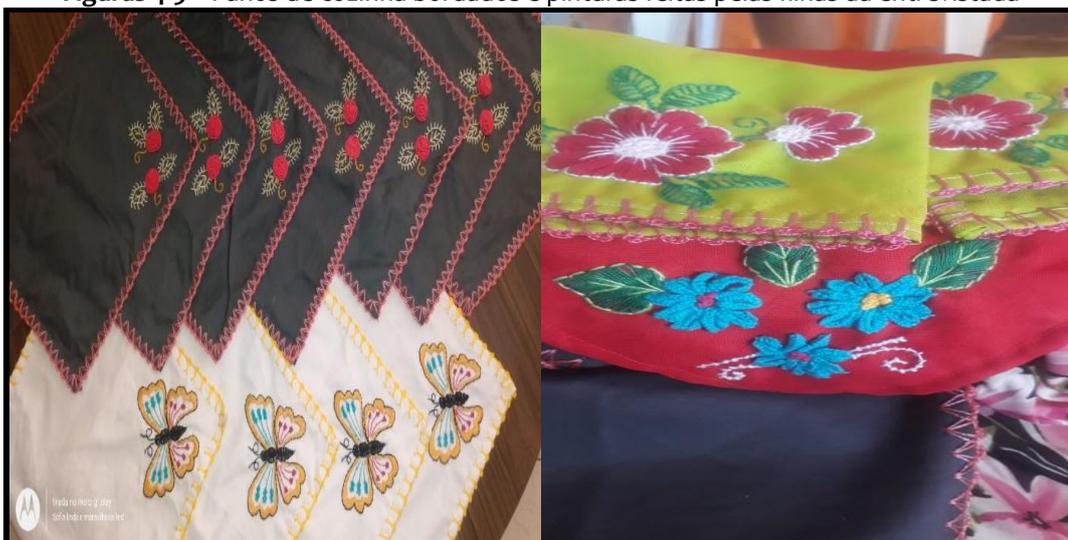
3.2 A história da mulher Kanindé I

Entrevistada	Idade	Tipo de empreendimento
Mulher Kanindé I	55 anos	Atua no ramo de bordados para casa/cozinha, produção de tapetes feitos a partir de tiras de tecidos.

Mulher Kanindé I, casada, tem duas filhas, dona de casa, agricultora e empreendedora. Estudou somente o ensino fundamental, até a 3ª série, e nunca mais voltou à escola. Sua família está vinculada ao Cadastro Único e sobrevive de programa governamental, porém, para complementar sua renda, atua no empreendimento do artesanato.

Figuras 2-3 – Produção de tapetes feitos de retalhos de tiras de tecido

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Figuras 4-5 – Panos de cozinha bordados e pinturas feitas pelas filhas da entrevistada

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Suas produções (Fotos 2-5) são vendidas na própria comunidade, pois, segundo as entrevistadas, não compensa ir vender à cidade, visto que o gasto é maior devido à necessidade de alugar bancas para colocar seus produtos. Ao perguntar há quanto tempo ela produzia artesanato, a mulher Kanindé I informou que fazia em torno de sete anos. Ela falou que havia iniciado no artesanato através de uma outra mulher que morava em uma localidade do município, chamada de “sítio Cana Brava”, e que, desde então, vem desenvolvendo essa atividade empreendedora.

Como forma de aumentar mais sua produção, suas duas filhas pegaram o gosto também pela confecção de peças, assim, as três, cada qual com sua maneira e criatividade,

desenvolvem peças para casa e cozinha, como: tapetes (Figura 2 e 3), jogo americano (Figura 4) feito em bordados e pinturas artesanais, além de desenvolver colares e pulseiras feitas de sementes encontradas dentro da própria reserva indígena.

Apesar das dificuldades enfrentadas, estas são bastante felizes e demonstraram sempre estarem dispostas a ajudar com o que fosse preciso para o desenvolvimento desse trabalho, pois reconhecem a importância de dar visibilidade à cultura local e à sua preservação.

3.3 A história da mulher Kanindé II

Entrevistada	Idade	Tipo de empreendimento
Mulher Kanindé II	69 anos	Atua no ramo de artesanato de colares a partir das sementes nativas, penas de animais e contas industrializadas.

Mulher Kanindé II, esposa do cacique da etnia, mãe de dois filhos, dona de casa, agricultora e empreendedora. Nunca frequentou a escola, no entanto buscou aprimoramento de suas atividades em vários locais. Ao visitar sua casa, ela apresentou – a pedido de seu esposo, o cacique da etnia – seus artesanatos feitos de sementes, de penas de animais encontrados na própria reserva e de matérias encontradas no comércio.

Uma das peças que ela considera uma boa procura dos clientes é “o filtro de sonhos”, assim o chama. O filtro de sonhos (Foto 7), desenvolvido pelos indígenas, é utilizado na cabeceira da cama e na porta da casa: “[...] funciona para separar as energias e os sonhos ruins”, como afirmou o cacique daquela etnia.

Figuras 6-7 – Filtro de sonhos e colares



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Além dessas peças, são produzidos colares de diversos modelos, algumas figuras como máscaras (Foto 8), cocais e mocororó, uma bebida tradicional dos índios Kanindé.

Figuras 8-9 – Máscara e colares



Fonte: Acervo pessoal (2022).

A Mulher Kanindé II, apesar de ser aposentada, desenvolve esse trabalho como forma de complementar sua renda e, ao mesmo tempo, de manter viva a tradição de seu povo. Ao ser perguntada para onde era destinada a produção de seu artesanato, ela revelou que quase toda a sua produção é vendida para a Central de Artesanato do Ceará (Ceart), em Fortaleza.

3.4 A história da mulher Kanindé III

Entrevistada	Idade	Tipo de empreendimento
Mulher Kanindé III	62 anos	Atua no ramo da agricultura familiar e na produção de produtos orgânicos, como café, fubá de milho e colorau, bem como na venda de animais e de ovos de galinhas.

Mulher Kanindé III, casada, tem um filho, é empreendedora e atua no ramo de venda de animais, como porcos e galinhas. A terceira entrevistada é a mais conhecida e influente na comunidade, pois foi ela quem deu o pontapé inicial, despertando o desejo de empreender em outras mulheres daquela etnia. Apesar de ser aposentada, ela ainda

Empreendedorismo cultural sustentável de mulheres indígenas do povo Kanindé de Aratuba, Ceará

trabalha na agricultura e na produção de produtos orgânicos, como café, fubá de milho e colorau, bem como na venda ovos de galinhas produzidos naquela comunidade.

Na Foto 10, existe a amostra de alguns produtos que são vendidos na feira do município, produzidos na etnia Kanindé. Não foi possível fotografar o café e os ovos de galinhas devido ao fato de toda a produção ter sido vendida na última feira realizada pela entrevistada. A entrevistada revelou que já estava havia oito anos nesse ramo.

Figura 10 – Fubá de milho e colorau



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Segundo ela, foi incentivada por uma mulher que tinha vindo de Fortaleza-CE visitar a comunidade, tendo iniciado, a partir de então, a venda desses produtos que antes já eram produzidos, mas não eram vendidos na feira do município. Vale ressaltar que todo esse trabalho é desenvolvido por ela, contando, às vezes, com a ajuda do marido, como é possível constatar em sua fala:

Eu vendo pimenta moída e no fogo torro o café no caco, inclusive estou com duas cacada pra levar amanhã pra feira. Também faço fubango e colorau e levo pra vender na feira. Eu comprava ovos e levava pra feira, comprava de 200 ovos, mas agora a negada quer vender muito caro, aí a procura é menos. Aqui não tem pé de café; eu compro e vendo; eu planto o urucu pra fazer o colorau; esse ano só fiz dois balde. (MULHER KANINDÉ III).

Outro ponto importante que a entrevistada destacou foi a produção de polpas de frutas da época, vendidas para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Toda essa produção é vendida na feira do município, que acontece às sextas-feiras. Ela descreveu: “Eu botava pra prefeitura de Aratuba e de lá era distribuído pra escolas, delegacias polpa de cajá,

acerola e fubango; no momento não estou mandando esses produtos” (MULHER KANINDÉ III). Ela alegou estar aguardando o resultado das licitações do PAA da prefeitura para a venda de novos produtos.

Além das vendas desses produtos para a complementação da renda, a família também planta palma no sertão, recolhe materiais recicláveis na comunidade e os vende para um comprador de Fortaleza-CE. Vale ressaltar que esse cultivo de palmas se deu a partir da iniciativa do projeto Quintal Produtivo, desenvolvido pela Adelco.

3.5 A história da mulher Kanindé IV

Entrevistada	Idade	Tipo de empreendimento
Mulher Kanindé IV	46 anos	Atua no ramo de plantas medicinais e de ervas aromáticas, com a venda de produtos fitoterápicos, como lambedores, garrafadas e pomadas.

Mulher Kanindé IV, casada, trabalha desenvolvendo o uso de plantas medicinais e de ervas aromáticas. Assim como as demais entrevistadas, a venda de seus produtos é para ajudar na complementação de sua renda. Nasceu na comunidade, porém, aos 15 anos, mudou-se para Fortaleza-CE, retornando para a comunidade no ano de 2020.

Figuras 11-12 – Garrafada, lambedor e horto produzido na comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Como é possível perceber na Foto 11, não há uma padronização das embalagens dos produtos, pois se faz a reutilização de outros recipientes. Isso acontece devido à carência de recursos financeiros, visto que sua renda principal é oriunda do Bolsa Família e da pensão alimentícia do seu filho.

Empreendedorismo cultural sustentável de mulheres indígenas do povo Kanindé de Aratuba, Ceará

A entrevistada reside em uma casa simples e fez questão de afirmar que a venda desses produtos ajuda bastante na alimentação de sua família, uma vez que ela não tem um companheiro para ajudar na renda da família. Toda sua produção é feita com plantas produzidas em um espaço próximo à sua casa. Ao ser perguntada sobre como havia iniciado esse trabalho, ela respondeu:

Aos 15 anos, fui embora pra Fortaleza, só que, quando era criança, via minha mãe e avó fazendo esses lambedor e garrafada, e uma vez uma pessoa pediu pra minha mãe fazer uma garrafada, e minha mãe foi e pediu pra eu fazer, e, a partir de então, comecei a fazer também e então fui aprimorando. (MULHER KANINDÉ IV).

Dando prosseguimento na entrevista, indagou-se como eram feitas a divulgação e a venda de seus produtos, ao que ela assim respondeu: *“Vendo meus produtos aqui mesmo na comunidade, só que divulgo também nos grupos de WhatsApp e uma amiga de Fortaleza”*. (MULHER KANINDÉ IV). Ela desenvolve o seu trabalho a partir das encomendas.

Com base nas entrevistas, constata-se que a história de cada uma é bem parecida, pois todas desenvolvem seus trabalhos como forma de garantir seu sustento e/ou complementar sua renda. Com isso, preservam, mesmo que de forma inconsciente, o legado deixado por seus antepassados. Como é possível perceber na fala da última entrevistada, apesar de ter passado muito tempo longe de sua etnia, não deixou de desenvolver suas práticas aprendidas na comunidade.

Pesquisas revelam que, cada vez mais, há um crescente no número de mulheres empreendedoras no país, fato que mostra que a cada dia as mulheres vêm ganhando espaço e conquistando sua autonomia. Além disso, o espírito empreendedor envolve emoção, paixão, impulso, inovação, risco e intuição (CHIAVENATO, 2007). Levando em consideração o meio indígena, isto não é diferente, pois cada dia o empreendedorismo é mais presente dentro das comunidades indígenas. Esse crescimento ocorre por diversos fatores, como uma forma de aumentar seu próprio sustento ou como uma forma de expressar a afirmação de sua identidade.

Por conseguinte, a partir das entrevistas e das observações feitas na etnia Kanindé, em Aratuba-CE, percebe-se que o empreendedorismo é bastante significativo na comunidade como forma de manter e de preservar a cultura da etnia Kanindé, mas também como uma maneira de dar visibilidade à mulher indígena daquela etnia.

A partir de então, percebe-se que a cultura se torna um potencializador para o desenvolvimento, visto que o empreendedorismo impulsiona e, ao mesmo tempo, traz motivações e desafios, nesse caso, para as mulheres indígenas Kanindé, que, apesar das dificuldades, mantêm a chama viva de seus ancestrais através desse empreendedorismo. Sendo assim, uma forma de melhor compreensão do empreendedorismo cultural é levar em consideração este como uma relação de trabalho que leva a mudanças fundamentais na situação do trabalho e nos campos da cultura e das artes (DAVEL; CORA, 2016).

Os resultados coletados através das entrevistas e das observações revelam diferentes características entre as mulheres empreendedoras daquela etnia. Levou-se em consideração, durante as entrevistas, a faixa etária, o estado civil, o nível de escolaridade e a quantidade filhos (e se têm).

Estudo realizado no Brasil, em 2019, pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), revela que 18,4% dos homens desenvolvem atividades empreendedoras, porcentagem que cai para 13,9% entre as mulheres. Esse retrato tem sido constante, no entanto a pesquisa ainda revelou que, no estágio inicial, existe um número maior de mulheres desenvolvendo alguma atividade empreendedora. Além disso, essa pesquisa revela que, no passado, havia uma participação maior de empreendedoras por necessidade, quando comparadas aos homens. Assim, a pesquisa conclui que as mulheres buscam o empreendedorismo como algo provisório, em momentos de agrava da renda familiar, mas abandonam posteriormente a atividade empreendedora quando há uma melhora da renda familiar.

A partir do que se levantou na etnia Kanindé, esta pesquisa indica uma diferença, visto que não há um abandono da atividade empreendedora por parte das mulheres, como revelou a pesquisa anterior, mas sim uma adesão maior por parte destas, como é possível perceber na casa da mulher Kanindé I. No início, era só ela e hoje conta com a participação de suas duas filhas na produção de seus materiais e no escoamento das peças produzidas.

4. Considerações finais

O empreendedorismo cultural feminino compreende negócios idealizados e comandados por mulheres que não só visam ao lucro, haja vista que busca preservar também suas práticas junto aos seus descendentes. Nesse sentido, também se destaca que empreender não é tão fácil, pois se necessita de determinação, organização e perseverança.

Empreendedorismo cultural sustentável de mulheres indígenas do povo Kanindé de Aratuba, Ceará

Falando diretamente do empreendedorismo cultural desenvolvido por algumas mulheres da etnia Kanindé, tal fato não ocorre de maneira diferente. Desse modo, foi possível perceber uma organização entre essas mulheres, individual e/ou coletivamente, pois buscam sua independência e, em tempos difíceis, ajudam suas famílias com essa movimentação financeira.

Devido ao distanciamento da sede do município, torna-se difícil o escoamento do que é produzido na etnia Kanindé por essas mulheres. No entanto, como forma de movimentar esses empreendimentos, sejam peças bordadas, artesanatos, vendas de animais, polpas de frutas, produtos medicinais alternativos, elas conseguem realizar as vendas desses produtos através de encomendas.

Outro ponto importante a ser destacado é a realização da feira do município, que conta com a presença de mulheres da etnia Kanindé vendendo seus produtos artesanais, visto que o próprio município valoriza esse tipo de atividade a partir da inserção deste com os demais vendedores.

Vale ressaltar que outra forma de renda desenvolvida por essas mulheres é a venda de alimentos orgânicos para as escolas municipais através do PAA. Mesmo no período de pandemia de Covid-19, ainda eram fornecidos esses alimentos, porém este ano (2022) elas ainda aguardam os resultados dessas licitações.

No tocante ao saber empreender, percebeu-se que, diante dos relatos destas mulheres, não há um envolvimento de um órgão que trabalhe o empreendedorismo regional, cultural e/ou empresarial. Assim, observa-se a importância do empreendedorismo como forma de reduzir as diferenças e, ao mesmo tempo, de criar oportunidades de crescimento para as mulheres daquela etnia, já que valoriza o talento das mulheres e a preservação de práticas desenvolvidas por seus antepassados.

Na busca ativa de achar mulheres empreendedoras, encontraram-se mulheres indígenas institucionalizadas na rede de ensino, que são professoras da escola local, valorizando e contribuindo para a preservação da cultura daquele povo, podendo levar o conhecimento da arte indígena e reconhecer o valor da diversidade dos povos originários. Como não era o foco da pesquisa, apenas registrou-se como um relato de experiência vivenciado na comunidade.

Portanto, a relevância desta pesquisa traz a reflexão de que, em todas as respostas das entrevistadas, encontrou-se um denominador comum: a garra das mulheres Kanindé, que são protagonistas de suas histórias de superação, com sua arte, a persistência para buscar o pão de cada dia e o empoderamento. Vale ressaltar que essas práticas são a reconexão com seus antepassados e que isso as torna cada vez mais orgulhosas de suas origens. Enfim, são merecedoras de terem recontadas suas histórias. São empreendedoras! São mulheres!

Referências

- ADELCO. **Ceara-indígena: vivências do projeto Etnodesenvolvimento**. Fortaleza: Adelco, 2016. Disponível em: <<http://adelco.org.br/publicacoes/>>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os índios na história do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. **História Hoje**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 21-39, 2012.
- BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- BRASIL. Lei nº 5.051, de 19 de abril de 2004. Promulga a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 abr. 2004.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DAVEL, Eduardo; CORA, Maria Amélia Jundurian. Empreendedorismo cultural: cultura como discurso, criação e consumo simbólico. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 363-397, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. A cultura brasileira “descobre” o Brasil, ou “Que País é este?!” – Uma pergunta à cata de resposta. **Revista USP**, São Paulo, n. 12, p. 76-93, 1992.
- SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- SILVA, Márcia Alves da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 31, n. 55, p. 247-260, 2015.
- XAVIER, Antônio Roberto; VASCONCELOS, José Gerardo. Índios Kanindés: memória, identidade e educação. In: VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto (org.).

Pesquisas pós-doutorais em História e Memória da Educação. Fortaleza: Impreco, 2018. p. 17-36.

Notas

¹ A Adelco, fundada em 2001, entidade civil sem fins lucrativos, localizada em Fortaleza-CE, tem como eixos de intervenção: economia popular e solidária; participação e organização política; segurança alimentar e nutricional; desenvolvimento institucional; meio ambiente e agroecologia; e habitabilidade, dentre os quais perpassam temas como direitos humanos, igualdade de gênero e etnia. É filiada à Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong). Desde 2014, desenvolve projetos com indígenas no Ceará: sistemas agroflorestais, apoiado pelo Instituto, Sociedade, População e Natureza (ISPN), na comunidade Jenipapo-Kanindé; e dois com o apoio da Petrobras: “Etnodesenvolvimento de comunidades indígenas no Ceará”, implementando ações de agroecologia e turismo comunitário visando à geração de renda e segurança alimentar de seis povos: Jenipapo-Kanindé, Kanindé de Aratuba, Tapeba, Tremembé, Anacé e Pitaguary; e “Águas e matas da Encantada”, com os Jenipapo-Kanindé, promovendo práticas para recuperação e proteção da vegetação e ecossistemas aquáticos.

Sobre os autores

Antonio Leonardo Moreira de Aquino

Bacharel em Humanidades, Graduado em História e Especialista em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos ambos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Integrante do grupo de Pesquisa Gestão de Políticas Sociais-GPS/Unilab/CNPq. E-mail: aquinomleonardo@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7325-1247>

Antônio Roberto Xavier

Doutor e Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (Masts) e do curso de graduação em Administração Pública, ambos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Líder do grupo de pesquisa Gestão de Políticas Sociais – GPS/Unilab/CNPq. E-mail: roberto@unilab.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3018-2058>.

Karla Renata de Aguiar Muniz

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE, da Universidade Federal do Ceará - UFC; Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC; Integrante do Núcleo História e Memória da Educação - NHIME da UFC. E-mail: karlla.renata@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4007-2482>

Recebido em: 03/11/2022

Aceito para publicação em: 14/12/2022